

"Aguardei por anos uma morte que não veio"

Vontade de viver, apoio familiar e fé. Para Christiano Ramos, 55 anos, esses foram os três pilares que mais lhe fortaleceram e o ajudaram a vencer a aids. Natural de João Pessoa, veio para Brasília aos 12 anos. Atuou como assessor parlamentar, diretor de uma empresa privada e, atualmente, é presidente da ONG Amigos da Vida, a qual se dedica exclusivamente.

Em 1988, recebeu o diagnóstico do HIV — um dos primeiros casos da capital. Com poucas informações na época, o pânico, claro, era o sentimento esperado. Esperado, mas não compartilhado, visto que, por mais de cinco anos, manteve segredo da família e dos amigos. "Não tem remédio. Vou matá-los se contar. Então, aguardei por sete anos uma morte que não veio."

Quando houve a possibilidade de recorrer a alguma medicação, abriu mão. Isso porque o AZT, fármaco utilizado como antirretroviral, causava anemia e restringia suas atividades, tamanho impacto que produzia no corpo. "Quero qualidade de vida, não quantidade", pensou. Porém, foi nesse momento que a doença veio com toda força.

Tornou-se um doente terminal e passou dois anos internado. Em 1994, chegou a pesar 37 quilos. Não teve jeito, contou para os pais. Mas a surpresa da família veio em forma de apoio incondicional, sua maior engrenagem. Dos amigos de hospital, nenhum sobreviveu. "Teve um período em que eu passava a tarde no hospital e dormia em casa. No dia seguinte, quando retornava e notava a cama vazia, na ala onde ficavam os soropositivos, já entendia que a pessoa não havia resistido. Foi muito difícil. Perdi vários amigos", recorda-se.

Desinformação e ativismo

Entre as inúmeras situações de estigma em torno da soropositividade, o ativista lembra que, ao passar pela infectologista que lhe diagnosticou, recebeu instruções de longe, literalmente, pois ainda achavam que a doença poderia ser transmitida pelo ar. "Ninguém sabia de nada. Campanhas de prevenção, então, eram inimagináveis."

Recuperado e de volta para casa, percebeu que a desinformação também era um obstáculo para a família. A mãe, por exemplo, dizia aos demais parentes que o filho estava com câncer. Os objetos, desde talheres a roupas, eram separados. Na internação, teve a experiência de passar por hospitais privado e público. Neste último, porque precisava tomar uma medicação que só estava disponível lá. A diferença era gritante. "A dura realidade da aids apareceu para mim quando fui para a rede pública. Comecei a ver as pessoas morrem, homens, senhoras e crianças."

Neste contexto, o pai, sensibilizado com aqueles que não podiam arcar com os custos do tratamento, teve a iniciativa de criar a ONG Amigos da Vida, hoje, a maior da região. Christiano ressalta que, mesmo que o governo forneça os medicamentos necessários para tratar o HIV, muitos outros, indispensáveis para combater as doenças oportunistas, são de difícil acesso, ora por não serem gratuitos, ora por estarem em falta nas farmácias de alto custo.

Na instituição, que atua na promoção e defesa dos direitos humanos de pessoas vivendo com HIV/aids, da comunidade LGBTQIA+, do povo preto e das minorias, renasceu. "Parece que quando ajudamos o próximo, a saúde vem. Hoje, engordei e estou até com sobrepeso. Adoro minhas gorduras", destaca, aos risos.

Recentemente, a história de uma mulher, em torno dos 50 anos, soropositiva, moradora de rua e catadora de latinha lhe comoveu. Graças ao apoio do Amigos da Vida, conseguiu se aposentar, recebeu abrigo e, lá, conheceu um parceiro, com quem convive.

Sobre a alta no contágio da população mais jovem, o ativismo é enfático: "Essa geração não viveu o boom da doença, então, com o tempo, as pessoas perderam o medo do aids". Para ele, a saída é a informação, com campanhas e educação sexual e, nesse ínterim, proteção.

***Estagiários sob a supervisão de Sibelegromonte**

Acessibilidade

Tratamento gratuito e referência no combate a aids, o Brasil é descrito pela médica infectologista do Hospital de Base e do Sírio Libanês Letícia Sudbrack como um espaço com ampla escala de acessibilidade a procedimentos referentes ao HIV, situação não encontrada em outros países. Independentemente do nível social e da escolaridade, a população conta com atendimento por meio do Sistema Único de Saúde (SUS). Entretanto, a especialista ressalta a importância de aprimorar essa assistência.

Em muitos casos, ela detalha que esse acesso em relação à saúde é, por vezes, demorado. Uma realidade vivida não somente pelas pessoas que contraem o vírus, mas por todas que, de alguma forma, necessitam de cuidados médicos. "Eu vejo muitos pacientes esperando muito tempo até conseguir chegar na consulta com o infectologista. Os exames necessários, dificilmente são agendados", enfatiza.

Outro fator citado pela infectologista é a necessidade de inclusão, principalmente do público marginalizado. Daqueles que não possuem condições de chegar até uma unidade hospitalar, ou até mesmo desconhecem do assunto e de possíveis benefícios nos quais podem ser contemplados. Geralmente, esse público é o mais carente de acompanhamento, como afirma a médica. Além disso, é fundamental que a inserção dessas pessoas seja efetivada. Por meio de incentivo, facilitação de transporte público, entre outros fatores. Todos são dignos de uma saúde com qualidade.